

---

## **Poder, corpo e gênero nas representações cinematográficas do sexo<sup>1</sup>: uma abordagem sobre o machismo nos filmes pornográficos brasileiros**

Pedro Henrique Magalhães MENDONÇA<sup>2</sup>

Karina Gomes BARBOSA<sup>3</sup>

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

### **Resumo**

O estudo analisa dois filmes pornográficos nacionais da Produtora Brasileirinhas: “Pode Chegar e Não Para” e “Patyficação”, sob o viés da análise do discurso brasileiro, a fim de evidenciar as relações de força e poder da sociedade, com foco na relação homem-mulher. Visiona-se os filmes pornográficos nacionais; numa perspectiva específica dos discursos, da história construída, do que é mostrado, a partir do caráter da relação entre força e poder. Também se discute os filmes a partir de estudos de gênero e sexualidade, para compreender se há ou não evidências do machismo nos filmes – e como se manifestam. O corpo visto como ferramenta do prazer e do poder também é um ponto de discussão que surge com o estudo da temática em questão.

### **Palavras-chave**

Pornografia; Corpo; Discurso; Feminismo; Poder.

### **Introdução**

Desenvolvimento sexual, educação sexual, identidade sexual, orientações sexuais, doenças sexualmente transmissíveis, fisiologia reprodutiva, comportamento sexual. Vários são os aspectos socioculturais e médicos que regem a vida e a conduta dos indivíduos, levando-os a seguir caminhos consciente, inconsciente e subconscientemente estabelecidos. Seja pelo mito em torno do casamento, da virgindade, da castidade, ou pela visão de práticas tidas como proibidas, como prostituição, incesto e aborto, o imaginário construído em torno do sexo e as regras sociais para torná-lo tabu<sup>4</sup> servem para perceber

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas de Corpo e Gênero, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista. Mestrando do PPGCOM da UFOP. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Membro do Grupo de Pesquisa Jornalismo, Narrativas e Linguagens (JorNaL), e-mail: [pedrodimendonca@gmail.com](mailto:pedrodimendonca@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Docente permanente no PPGCOM da UFOP e no Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social (DECSO). Doutora em Comunicação Social pela Universidade de Brasília na linha Imagem, Som e Escrita, e-mail: [karina.barbosa@gmail.com](mailto:karina.barbosa@gmail.com)

<sup>4</sup> Algo que geralmente se refere a uma proibição da prática de qualquer atividade social que seja moral, religiosa ou culturalmente reprovável.

---

como a história da sexualidade foi constituída até chegar ao status atual. A pornografia é um dos ângulos para discutir essas questões.

Sabe-se que durante anos o cinema foi uma das mídias mais utilizadas para exibição da pornografia. Em seguida, vieram as revistas e atualmente e em grande proporção a internet. A internet tem sido um dos veículos mais utilizados, tanto por homens quanto, e principalmente, por mulheres. De acordo com a pesquisa *Mulheres brasileiras são as que mais acessam site pornô*, feita em janeiro de 2016 pelo Pornhub, maior site de pornografia do mundo, o Brasil fica em nono lugar em termos de acesso, mas é no recorte de gênero que o país aparece no topo da lista. Na informação do site, 35% dos acessos no Brasil são feitos por mulheres, sendo que a média mundial é de 24%.

Utiliza-se os filmes pornográficos da Produtora Brasileirinhas, sendo: “Pode Chegar e Não Para” e “Patyficação” para análise, numa perspectiva específica dos discursos, dos elementos utilizados para compor uma cena, desde a escolha do local, da história, até a cenografia, a partir do viés da relação entre força e poder.

É preciso ter um novo olhar sobre questões que anteriormente foram esquecidas ou desprezadas. Muito pouco é trabalhado em estudos sobre o discurso pornográfico. Isso sem levar em consideração o principal propósito desta pesquisa, que é analisar o discurso pornográfico sob o viés da valorização e reprodução de valores sociais.

A pornografia, pensada no campo social, reproduz as fantasias e aguça práticas sexuais que são escondidas por respeito aos tabus da sociedade brasileira. Esse é um impacto do discurso pornográfico sobre o público, o que fica evidente no livro “O olhar pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo”, de Nuno Cesar Abreu (1996):

Uma discussão sobre pornografia pode ganhar em consistência se for tratada como um item da história social, o que implica por um lado, situá-la como fenômeno psicológico (que pode ser entendido como impulso primal ou como sintoma de deformação) e, por outro, distinguir a produção e o consumo de material pornográfico como modalidades crescentes no mercado de bens culturais. A ampliação do espaço ocupado pela comercialização do obsceno não aconteceria sem a contrapartida do consumo, se não respondesse a uma “necessidade” do consumidor. Não se pode imputar apenas à engrenagem industrial a imposição de seus produtos. (ABREU, 1996, p.42)

Nesse sentido, a problematização central desta pesquisa é: os filmes pornôs brasileiros reforçam hierarquias de poder, estereótipos sociais e reproduzem valores? Essa é a questão que conduz a discussão protivo a problematização dos sentidos

---

produzidos por filmes pornográficos nacionais, focando nos discursos que demonstram hierarquias de poder, estereótipos de reprodução de valores sociais, a partir da Análise de Discurso brasileira (ORLANDI, 1999, 2001). Com isso, busca-se revelar características do discurso pornográfico a partir de sua narrativa, a fim de discutir a reprodução dos estereótipos sociais, bem como abordar o discurso pornográfico sob o viés da história da sexualidade e discutir noções de poder, corpo, identidade, gênero, sexualidade aplicados ao cinema pornográfico. A escolha pela análise da narrativa parte de uma concepção de que o discurso tende a estabelecer lugares, limites e posturas para os corpos, o que interfere diretamente na performance desempenhada pelas personagens, sendo o gênero um demarcador da hierarquia nesse processo.

### **A concepção de poder em Michel Foucault**

De acordo com Foucault (1980), o poder não é apenas um conjunto de instituições e aparelhos que garantem a sujeição dos cidadãos num determinado estado. Ele também não é um modo de sujeição que, por oposição à violência, tenha a forma de regra. O poder também não é para o autor um sistema geral de dominação exercida por um elemento ou grupo sobre o outro e cujos efeitos, por derivações sucessivas, atravessam o corpo social inteiro. Foucault afirma que deve-se compreender o poder como a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas da sua organização. É uma espécie de jogo que, através de lutas, transforma, reforça e inverte essas relações (FOUCAULT, 1980, p.88-89).

Ainda hoje, a hipocrisia do regime vitoriano poderia vigorar sobre a sexualidade, haja visto a preocupação em manter alguns tabus e em evitar o rompimento das conformações sociais. Fora a repressão, para Foucault (1980) não existe uma interdição porque o silêncio, a negação e a censura fazem parte de uma produção discursiva. A sexualidade volta à cena quando ele apresenta o objetivo principal do livro “História da Sexualidade” que, “em suma, trata-se de determinar, em seu funcionamento e em suas razões de ser, o regime de poder-saber-prazer que sustenta, entre nós, o discurso sobre a sexualidade humana” (FOUCAULT, 1980, p.18).

Existe uma relação entre poder e liberdade, de acordo com Foucault (1984), e elas não podem ser dissociadas de um vínculo com a verdade, pois é a razão a reguladora da temperança e do domínio de si. Um indivíduo intemperante é associado à ignorância e à falta de razão.

---

## **Corpo e subjetividade: a construção social do gênero**

O corpo biológico se constitui na história. Há de se interpretar que o corpo sexuado criado “mulher” aparece como um mecanismo de estratégia, objeto e alvo da sistematização do saber ligado a poderes múltiplos, a produção da sexualidade que engaja as mulheres na tarefa da renovação física do campo social.

As tecnologias de gênero criam corpos sexuados nos diferentes discursos sociais, atribuindo diferenças imutáveis em relação à hierarquia. Teresa de Lauretis (1987) discute exatamente que a divisão do ser entre homem e mulher pode ser entendida pelo binarismo primário do pensamento ocidental. Assim, fica clara também a necessidade de estabelecer a heterossexualidade, garantindo a reprodução da espécie e as transações econômicas entre as famílias. Por isso, de acordo com a autora, os corpos se tornam sexuados antes mesmo de terem sexualidade.

O desejo é domesticado e dá espaço ao longo do tempo a uma instabilidade nos indivíduos. O controle dos corpos, das regras e do que deve ser seguido também é responsável por essa variação. Nessa linha, o corpo feminino se conduz a criar outros corpos relacionados ao que o gênero tem de limitado. As mulheres então ganham o status de corpos reprodutores a partir dos regimes que estabelecem as relações sociais.

Pode-se entender o corpo para além da sexualidade, por exemplo, pela vontade ou querer. Em "O corpo educado: pedagogias da sexualidade", de 1999, uma coletânea organizada por Guacira Lopes Louro, essa afirmação fica clara. A autora discute, a partir dos estudos da teórica feminista norte-americana bell hooks, a crença de que na sala de aula apenas a mente está presente e não o corpo. No capítulo "Eros, erotismo e o processo pedagógico", a exclusão do corpo articulada a uma compreensão estreita do erotismo em termos sexuais é evidenciada. Nesse ponto, vale lembrar que os indivíduos são persuadidos a excluir do processo pedagógico toda paixão e envolvimento emocional. É preciso nesse caso descobrir o Eros, permitindo que a mente e o corpo sintam e conheçam o desejo (LOURO, 1999, p. 123).

Os debates feministas atuais sobre a diferença sexual e o conceito de gênero estão tendo maior visibilidade e repercussão. Em sua coletânea, Guacira Lopes Louro mostra que o ponto do trabalho de Judith Butler é justamente o exame dos limites discursivos do "sexo". Nesse sentido, evidenciam-se os conceitos centrais em torno da materialização, da performatividade e da citacionalidade, com os quais ela busca responder às críticas que vêm sendo postas às "descrições construcionistas do gênero, não para defender o

---

construcionismo em si, mas para questionar os apagamentos e as exclusões que constituem seus limites" (LOURO, 1999, p.166).

A sexualidade depende de várias particularidades, como a forma de percepção do indivíduo em relação a si próprio, seu corpo, seus sentimentos, a forma de ver o mundo, o outro. Enfim, depende da natureza íntima de cada um. Nesse caso, uma pessoa pode ser assexual, heterossexual, homossexual, bissexual, pansexual. Os avanços no que se entende sobre sexualidade podem demorar muitos anos, uma vez que ela pode trazer consigo alguns dilemas, como a dúvida do ser em relação às suas vontades e também no que se refere às pressões do grupo social em que a pessoa está inserida.

### **O cinema pornográfico**

Na obra “Discurso Pornográfico” (2010), Dominique Maingueneau apresenta a pornografia como uma categoria situada na fronteira da Análise de Discurso com a Literatura. Segundo ele a produção pornográfica constitui um regime discursivo que requer teorizações sobre sua ordem, por se tratar do objeto de estudo derivado da literatura, pois o sufixo grafia se relaciona diretamente ao prefixo littera, designando inscrição, literatura de temática social. Já o “porno” vem de porné, um prefixo derivado do grego antigo, designando prostituta, no século XI.

O site britânico *The Telegraph* noticiou em 2012, tendo como referência um estudo realizado por pesquisadores da Universidade de Montreal, Canadá, que não existe nenhum homem com acesso à internet que não tenha consumido pornografia. A Hibou, empresa especializada em pesquisa e monitoramento de consumo, entrevistou usuárias de iPhone no Brasil e certificou que 87% das entrevistadas consomem produtos eróticos ou pornográficos como livros, filmes e revistas. O pornô então é voltado para quem consome.

O primeiro filme nacional de sexo explícito, de acordo com o site Uol, foi exibido em 1982. Era o longa metragem “Coisas Eróticas”, de Raffaele Rossi, exibido no famoso Cine Windsor, na avenida Ipiranga em São Paulo. O filme inaugura essa premissa de expor totalmente o ato sexual.

### **Sobre a Brasileirinhas**

Considerada a maior produtora brasileira de filmes pornográficos, a Brasileirinhas tem mais de quatro mil títulos no acervo e foi criada em meados de 1996 por Luís Alvarenga. Com foco em produções pornográficas entre homens e mulheres, a

Brasileirinhas lança também filmes de sexo lésbico, bissexual e com travestis. De acordo com a produtora, em cerca de 20 anos, já passaram pela produtora mais de 700 profissionais, entre homens e mulheres, apenas considerando o elenco de atores.

A partir do sucesso dos filmes com os famosos, como Gretchen, Rita Cadillac e Alexandre Frota, a Brasileirinhas chegou a lançar cerca de 35 filmes por mês. Hoje em dia, apesar de ter um filme inédito toda quinta-feira disponibilizado no site da produtora, a Brasileirinhas lança em média duas produções por mês. Para atender a demanda de lançar um filme pornô por semana a produtora adquire direitos sobre alguns filmes internacionais e os lança em território brasileiro.

### **A escolha dos filmes**

O parâmetro usado para escolher os filmes a serem analisados começou com a opção por usar filmes da produtora Brasileirinhas, uma vez que essa é a produtora de maior expressividade no país, tendo como base as vendas ao decorrer do tempo, conforme apontamos. A partir daí deu-se início a uma série de possibilidades de produções que serviriam como base para a análise. Optou-se por fazer um recorte apenas nos filmes lançados em 2014. Depois foram retirados da pré-seleção os filmes que possuíam sequências, além dos filmes de compilação de melhores cenas. Com isso chegou-se a um resultado de 24 filmes aptos para o estudo. Com um olhar para a catalogação de temáticas e elencos desses filmes, foram escolhidas duas produções para análise. São elas: “Pode Chegar e Não Para” e “Patyficção”.

<b>Título</b>	<b>Duração</b>	<b>Palavras-Chave<sup>5</sup></b>	<b>Elenco</b>
<b>Pode chegar e não para</b>	2:25:38	Hardcore	Ed Júnior, Paola Melão, Alex Ferraz, Carol Castro, Isabelle , Suzan Motta e Gaby Venturini
<b>Patyficção</b>	1:31:30	gangbang, orgia e voyeur	Alex Ferraz, Bruna Ferraz, Loupan, Pitt Garcia e Paty UPP

### **Análise das representações cinematográficas do sexo**

Ao explicar a necessidade de um novo olhar para a Análise do Discurso e os campos que ela abrange, Maingueneau afirma que:

---

<sup>5</sup> As palavras-chave são encontradas nas descrições dos filmes no site da Brasileirinhas.

---

Uma das características essenciais da pesquisa atual sobre a linguagem é a emergência de trabalhos que, em vez de reduzirem a linguagem ao arbitrário de suas unidades e de suas regras, abordam o enunciado como discurso. Essa abertura das ciências da linguagem coincide com as preocupações de muitos pesquisadores de outros ramos das ciências humanas, desejosos de levar em consideração a dimensão linguageira de seus objetos de estudo. Não se trata especificamente de uma disciplina, mas de um espaço instável de trocas entre disciplinas diversas, cada uma estudando o discurso sob uma ótica que lhe é própria: análise da conversação, teorias da argumentação, da comunicação, sociolinguística, etnolinguística, análise do discurso... (a lista não é exaustiva) compartilham, de forma muitas vezes conflituosa, esse campo de investigação aberto também a domínios conexos (sociologia, psicologia, história etc.). (MAINGUENEAU, 2001, p. 11 e 12)

Com aproximadamente 1h30min de duração, “Patyificação - Foda dada é foda cumprida” (2014), tem como estrela da produção Patrícia Alves, conhecida como Maria UPP, Paty UPP ou Patyificação. Paty ganhou notoriedade quando teve fotos íntimas disponibilizadas na internet. Nas fotos, ela aparece tendo relações sexuais com policiais das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), um programa implantado pela Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro no fim de 2008. Por isso, a jovem ganhou apelido em referência às UPPs e à pacificação das favelas do Rio de Janeiro. No filme, Paty UPP contracena com atores caracterizados como policiais em alusão ao motivo pelo qual ela se tornou conhecida. São três sequências nessa produção. Na primeira delas, Paty recebe em sua casa cinco policiais fardados para um *gang bang*<sup>6</sup>. Entre os atores estão Alex Ferraz, Loupan e Pitty Garcia, conhecidos no meio pornô por já terem atuado em diversas produções. Nessa sequência Paty faz, inclusive, dupla penetração. Na segunda sequência quem chega ao quarto de Paty é Bruna Ferraz, famosa atriz pornô brasileira. É uma sequência de sexo lésbico onde elas, entre outras coisas, realizam sexo oral vaginal uma na outra e utilizam brinquedos eróticos no sexo. Na terceira e última sequência Patty faz sexo com Pitty Garcia, o capitão dos policiais no filme.

Quando os atores caracterizados como policiais do filme “Patyificação” entram em cena um deles, chamado pelo capitão de 04, instantaneamente pergunta: “E aí minha gata. Cê que gosta dos policial?”. O mesmo ator exhibe o pênis e Paty inicia sexo oral, enquanto outro policial, chamado de 03, tira sua calcinha. Os outros 3 atores caracterizados como policiais em cena ficam ao redor da cama enquanto dois estão efetivamente fazendo sexo

---

<sup>6</sup> Modalidade sexual na qual apenas uma única mulher faz sexo com vários homens.

---

com Paty. O ator que interpreta o capitão, ora chamado de comandante, fica próximo à cama interagindo com os três personagens que estão praticando sexo em cena. “Chupa direito!”, diz ele no início da sequência. Já o soldado 04, enquanto faz sexo oral anal em Paty, diz em conversa com o 03: “Vamo surpreender essa bandida no sexo”.

Na sequência acima do filme “Patyficação” a atriz recebe a ordem de um dos atores para que faça sexo oral no outro ator em cena. Ele diz: “A gente sempre somos violentos”. Na sequência, o soldado 04, ao ver que Paty está se despindo por completo, pede para que ela deixe o cinto, pois ele é bonito. A personagem pergunta ao capitão se ela podia ficar com o cinto, dizendo que ele é quem comanda e precisava da autorização dele. Nesse trecho fica evidente a relação de poder que é estabelecida entre os personagens, onde quem dita as regras é o capitão, ou seja, o homem. Ele é o ser dominante na cena, e ela, o ser dominado. Eis que o personagem capitão dos policiais responde que ali ela, Paty, é quem comanda. Nesse momento as funções, dominante e dominado, mudam, porém, é importante ressaltar que isso só acontece porque o ator autoriza. Ou seja, mais uma vez a palavra de ordem é do homem. Ao que o personagem soldado 03 responde: “É. Ela é a bandida”. Em outro momento um deles (não é possível identificar) diz: “Mama já, cadela” e “Eu gosto é com força”.

Por ser um filme com temática policial, “Patyficação” é recheado de frases agressivas, como: “Chupa direito sua piranha”, “Se não aguentar pede pra sair, cachorra!”. Há uma relação intertextual com o filme *Tropa de Elite* (2007), de José Padilha. A história dessa produção é ambientada em torno do cotidiano de um grupo de policiais e de um capitão do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE), interpretado por Wagner Moura, que quer deixar a corporação e tenta encontrar um substituto para seu posto. Assim como no filme de Padilha, em “Patyficação” os personagens caracterizados de policiais são identificados por números. Há nesse caso uma associação entre sexo e violência, onde o poder da dominação é que define o espaço da personagem mulher na sequência e como seu corpo deverá ser usado.

Na segunda sequência do filme “Patyficação” há encenação de uma relação sexual lésbica. Paty contracena com a atriz Bruna Ferraz. Assim que começa a sequência, Bruna discursa para Paty: “Eu vou te mostrar como é uma policial feminina, taradinha!”. Em menos de 4 minutos elas já estão completamente nuas e se beijando, entre outras carícias. O sexo oral vaginal logo é realizado também e o que pode ser percebido nesses minutos iniciais são poucas falas. Elas dialogam com maior constância pelos olhares e gestos.



---

Somente no início do minuto 6 da sequência as falas começam a se intensificar, com ordens e descrições do prazer momentâneo causado por determinado tipo de posição ou fala. “Abre bem essa bucinha”, “Safadinha”, “Esse grelinho safado”, “Lambe essa bucinha”, “Chupa tudo”. Vários gemidos podem ser ouvidos também.

“Agora eu vou te mostrar uma coisa bem grande”. É o que diz Bruna ao pedir que Paty fique deitada, para poder introduzir um cacete no órgão genital de Paty, claramente a personagem passiva da sequência.

A última sequência do filme “Patyificação” começa com Paty chegando ao quarto falando: “Nossa. Cadê aquele capitão que não chega?, aquele gostoso.” O capitão em questão é Pitty Garcia, o ator da primeira sequência pelo qual Paty ficou visivelmente mais interessada. “Tô louca pra foder bem gostoso”, afirma Paty. “E aí, safada?”, diz Pitty. “Oi, lindo”, responde Paty. “Tô louca pra dar pra você”, acrescenta a personagem. É interessante perceber que de todas as sequências, a última marca uma participação mais ativa de Paty em termos de linguagem falada. Talvez isso revele uma preferência sexual da atriz por sexo ao estímulo monogâmico e heterossexual, uma vez que as outras sequências são, respectivamente, de sexo com múltiplos indivíduos e de sexo lésbico. Ou talvez seja um reforço da narrativa aos papéis sexuais tradicionais monogâmicos heteronormativos, ao qual supostamente a mulher estaria confinada ou destinada.

O filme “Pode chegar e não para” tem aproximadamente 2h25min e possui quatro sequências. Há uma alusão no título com a música *Não Para*, da cantora brasileira Anitta. A canção está presente no álbum homônimo que marca a estreia da cantora no cenário musical. Numa das partes é cantado “Aproveita<sup>7</sup> que hoje eu tô querendo. Pode chegar e não para.” Logo na sinopse do filme é possível entender o paralelo que se estabelece com o título. “Com essas gostosas você Pode Chegar e Não Para!”, diz o texto de divulgação do filme. Ou seja: o corpo feminino está ali para ser consumido à exaustão, sem consentimento. Também na sinopse é possível ver a forma como “vendem” a ideia de que a mulher e seu corpo são produtos condicionados ao sexo: “A mais cachorra de todas, Isabelle, é uma verdadeira safada da cama: faz 69 de pé, trepa no chão, dá o cu e engole porra quente”. Estão no elenco Ed Júnior, Paola Melão, Alex Ferraz, Carol Castro, Isabelle, Suzan Motta e Gaby Venturini.

---

<sup>7</sup> “...Abre pra eu passar / Não para, não / Vai, não para, não para, não. / Vem, que a gente vai mostrar para o que veio / Vem, que a gente vai mostrar para o que veio / Vem, que no final a gente chega e pega fogo / Pode chegar e não para”

A atriz Suzan Motta já entra se despindo na primeira sequência do filme "Pode chegar e não para". "Metete com vontade, caralho", "fode meu rabo", "soca minha buceta", "vai, porra", grita Suzan na primeira sequência do filme. "Que buceta melada da porra", "caralho, caralho!", responde Ed, o ator em cena. "Putaquepariu", "Cachorra", "chupa meu pau", completa ele, ao suspender a penetração para realizar novamente sexo oral anal na atriz. "Hum, caralho. Devagar, porra", grita a atriz. "Ai meu cu, caralho, porra, cacete", diz Suzan ao gemer bastante e gritar de dor enquanto tem o ânus penetrado. A sequência se encerra com Ed ejaculando na boca da atriz e pedindo pra ela abrir a boca, mostrar o sêmen na língua e ordenando que ela engula tudo, o que ela faz.

Na segunda sequência duas atrizes loiras, Gaby Venturini e Carol Castro, estão numa banheira de um motel quando começam a se acariciar. Elas rapidamente ficam nuas e começam a percorrer o corpo uma da outra com mãos e língua. Uma delas então realiza sexo oral vaginal na outra e nesse caso as duas estão em evidência. A câmera capta a ação do sexo oral vaginal ao mesmo tempo em que estão em foco os seios da atriz que recebe a ação e a nádegas da outra que está deitada, encolhida, passando a língua no órgão genital da parceira. É quando umas delas propõe: "Vamos pegar o brinquedinho?" Então elas começam a usar objetos sexuais e mais da metade da sequência se passa com Gaby Venturini sendo penetrada por Carol Castro. Elas gemem mais do que falam. A câmera percorre o corpo delas e deixa em evidência o ânus e a vagina nos momentos de penetração.

O sexo oral vaginal é muito presente nessa sequência. A atriz que antes havia penetrado a outra começa a ser penetrada nos minutos finais da sequência, até se beijarem e concluírem a participação no filme, sem orgasmo aparente.

Na terceira sequência uma nova atriz, Isabelle, começa a se despir e na cena seguinte já está fazendo sexo oral. Uma sequência sem muitas falas. A câmera percorre o corpo da atriz a todo instante enquanto ela geme ao receber sexo oral vaginal, ao fazer sexo oral e ao ser penetrada. "Ai, que delícia", "come sua putinha, vai", diz a atriz. "Deixa eu trabalhar", "Putaquepariu" responde o ator Alex Ferraz. "Me come assim vai", pede a atriz ao ser penetrada com violência e rapidez. "Desse jeito eu gozo rapidinho", completa ela. "Vamos deixar um buraco pra mostrar pra todo mundo, vamos", fala o ator. "Vamos ver se tá abrindo o buraco", "Tá pequenininho ainda", diz ele. "Ai meu cuzinho que gostoso", responde a atriz ao gemer. "Isso, vamos tirar e mostrar o buraco que fica", fala o ator ao mostrar a ação à câmera.

---

A atriz excita o ator em cena enquanto ele geme: “Ai que gostoso”, diz ele; “Fode esse caralho”, completa. “Ai que tesão do caralho”, diz gemendo a atriz. A sequência se encerra com o ator ejaculando no rosto da atriz, como na maioria das outras sequências dos filmes deste estudo.

A última sequência começa com Gaby Venturini se despindo ao som de um rock até ficar nua por completo e começar a fazer sexo oral no ator Ed Junior. A câmera filma a ação por trás, mostrando em primeiro plano as nádegas da atriz enquanto ela faz sexo oral no ator, que se encontra deitado no sofá.

Sexo vaginal. Muitos gemidos e gritos. Muita troca de olhares. A câmera na maior parte do tempo em plano aberto. “Poxa, você é tão gostosa”, diz o ator. “Me fode, vai”, diz ela. “Caralho, que delícia”, sussurra o ator. Mais uma vez, a cena se encerra com ejaculação no rosto da atriz.

É notável que os personagens desse filme são pessoas que não fogem da realidade comum. São mulheres com seios e bumbuns pequenos e flácidos e os homens possuem pênis que variam entre 12 e 16cm, tamanho considerado como o mais comum. Isso faz com que esse filme se aproxime muito do que diz Dominique Maingueneau em “Discurso Pornográfico” (2010), ao afirmar que os personagens das histórias pornográficas estão cada vez mais próximos do que são as mulheres e homens comuns. Além disso, os espaços que as personagens utilizam para contar a história deixaram de ser exóticos e fantasiosos, trocando os quartos luxuosos por espaços públicos ou quartos simples. Como afirma Maingueneau, isso aproxima os consumidores de filmes pornográficos de outras possibilidades de vivência do desejo sexual da maioria.

As relações com o corpo vão além da dimensão biológica circunscrita nesta temática. É através da corporeidade que as interações e os rituais entre os atores são elaborados: “A percepção dos inúmeros estímulos que o corpo consegue recolher a cada instante é função do pertencimento social do ator e de seu modo particular de inserção cultural” (LE BRETON, 2006, p. 56). Nesse sentido, até mesmo a dor é vista como uma construção social e cultural, em que as percepções são individuais, mas também coletivas.

Aos quatro minutos da última sequência do filme “Patyificação” o pênis do ator Pitty está exposto e Paty começa a fazer sexo oral. Em todas as sequências ela foi a passiva das ações sexuais. Ela é o foco, mas não agente. Ela é quem entrega seu corpo para consumo e prazer alheio. “Chupa esse pauzão, vai”, “delícia assim, vai”, diz Pitty

---

conduzindo a relação sexual. A maioria das falas é ordem para Paty. Como nas sequências anteriores, o sexo termina com gozo na cara da mulher.

Sexualizar o corpo feminino e usá-lo para atrair a atenção do público é um artifício usado pela indústria do entretenimento em geral. Esse tipo de construção imagética acaba por agravar e consolidar os valores patriarcais, aqueles que reforçam o discurso de que a mulher precisa do homem para ser plena e segura, para se sentir bem.

Pode-se ver uma hierarquização no direito de fala; no domínio de situação; no discurso (falar/calar), na disposição das personagens nas cenas, colocando a mulher como o corpo sexuado e objetificado. E no gozo, quando o prazer do homem é mostrado como sendo suficiente para concluir a sequência, reproduzindo uma ideia machista de que o sexo acaba quando o homem goza.

As sequências dos filmes só terminam quando os homens ejaculam e são eles que definem qual a posição em que as mulheres devem ficar. Na maioria das cenas, as mulheres apenas gemem e quase não falam e muitas vezes elas olham para as câmeras com um olhar envolvente. Nota-se também que em muitos enquadramentos a câmera não pega o rosto do homem. Já o da mulher é o foco por muitas vezes.

O homem está no controle em todas as sequências analisadas. Sempre se percebe essa hierarquia da figura masculina sobre a mulher. Os atores exercem poder durante todas as cenas. Eles dominam; fazem o que querem com as atrizes e cabe a elas serem submissas, praticamente discípulas do homem.

### **Pornografia feminista**

Erika Lust, uma diretora sueca que trabalha o pornô de uma ótica realista, enfatizando o prazer feminino, desempenha importante papel no cinema pornô. Ainda mais quando o assunto é hierarquia do prazer. Feminista, ela resolveu criar uma produtora audiovisual, a *Lust Films*, e uma das primeiras produções dirigidas por ela, com nome de *Five Hot Stories for Her*, (em português “Cinco Histórias Quentes para Ela”) foi premiada em vários festivais internacionais em 2007. Os filmes de Lust se caracterizam por uma seleção criteriosa de atores e uma linha de produção pouco usual no mundo de cinema para adultos. Para a diretora, o cinema pornográfico pode ser um instrumento educativo, além de prazeroso, e que pode auxiliar o público de filmes eróticos a descobrirem mais sobre a sexualidade humana, viver com maior além de colaborar para o indivíduo se ver

liberdade e pleno para explorar seus desejos de forma orgânica. Com seus filmes, Lust busca ajudar a mudar a percepção de gênero e os papéis sexuais estereotipados.

Desde 2013 Lust iniciou um projeto no qual produz curta-metragens explícitos para adultos através da plataforma *XConfessions*. Basicamente, as usuárias da plataforma são convidadas a enviar suas histórias ou fantasias eróticas anonimamente. Os relatos ficam publicados no site do projeto e todos os meses Lust escolhe duas histórias e as transformam em curta-metragens artísticos. O projeto é uma forma das mulheres se sentirem representadas com os enredos pornográficos, e não apenas continuar a ver o corpo feminino ser explorado como um acessório.

Ao contrário do ideal proposto por Lust, os filmes pornográficos nacionais analisados nesta pesquisa não se preocupam em ter uma representação do prazer feminino em cena. Todas as sequências se encerram com o gozo do ator ou no rosto ou no corpo da atriz. O prazer da mulher se restringe aos gemidos. E a única coisa que a mulher pede é para o homem gozar nela – ou seja, o desejo dela é o domínio masculino. A câmera não foca o corpo da mulher no momento de seu orgasmo. Não fica claro para o público se a atriz de fato teve orgasmo. As sequências simplesmente se encerram com o gozo masculino e tudo é passado como se fosse algo natural.

### **Considerações finais**

. A partir dos estudos pode-se concluir que os filmes analisados reproduzem os estereótipos disseminados na sociedade brasileira. O desejo como parte do discurso pornográfico revela que os filmes estão bastante voltados para o público masculino, para seu prazer. A princípio, é possível classificar o prazer e o desejo nos filmes adultos a partir da relação entre realidade e ficção, com as cenas estruturadas com finalidade principal de proporcionar satisfação, tendo o gozo das personagens como clímax, e com interesse em obter o gozo do público. Em outras palavras: os atores procuram juntos maneiras de atingir o prazer para que o público se excite através das expressões usadas. Basta observar a forma como alguns filmes usam a cenografia, o discurso dos atores, os enquadramentos, para passar um estereótipo da cultura que está sendo trabalhada.

Todos os filmes analisados foram dirigidos por homens. Numa perspectiva de análise dos resultados, é possível concluir que os filmes estão carregados de estereótipos justamente por terem um olhar masculino por trás. É o homem criando um material audiovisual para satisfazer os outros. A preocupação em manter o homem atento é clara,

---

haja visto que as sequências estão amparadas pelo ideal machista do que é sexo. O homem precisa se satisfazer; é o homem quem manda. E o prazer do homem é o bastante para a conclusão das sequências. As câmeras focalizando o corpo das atrizes, o discurso entoado pelos atores. Tudo é muito óbvio, repetitivo e valorativo.

Através das análises é possível notar um ponto interessante: a necessidade de ter cenas de sexo lésbico em todos os filmes. De certa forma a “Brasileirinhas” está acompanhando o cenário atual do mundo pornô. É que a indústria de filmes lésbicos está crescendo. Um relatório de 2014 do site de pornô gratuito Pornhub, em colaboração com o BuzzFeed, uma empresa norte-americana de mídia de notícias, revelou que a categoria de filmes "lésbicas" era a categoria mais visitada pelas usuárias mulheres que se dizem héteros, assim como o termo mais usado nas buscas. Esse relatório explica que, de acordo com entrevistas, as mulheres preferem filmes dessa categoria por exibirem, na maior parte dele, cenas de sexo oral que penetração, seja do pênis ou com brinquedos eróticos que geralmente as mulheres usam nos filmes.

Impor um modelo de relação sexual é ditar regras e valores. É colaborar para a permanência da mulher como indivíduo inferior ao homem. É desvalorizar o corpo feminino como um instrumento de prazer que também necessita do prazer - sujeito do prazer. É por isso que a pornografia deveria ser revista em relação a seu papel para a sociedade.

Nos filmes analisados nota-se que algumas coisas se diferenciam da maioria dos filmes pornográficos, como por exemplo os corpos das atrizes. As mulheres se apresentam numa ansiosa busca por se expor de forma sexy, desejável, incitando o prazer dos olhares alheios. No entanto, seus corpos estão longe dos estereótipos da artificialidade das estrelas pornôs atuantes na pornografia *mainstream*<sup>8</sup>. Os filmes não apresentam, em sua maioria, mulheres muito magras, loiras, com nádegas e seios firmes e grandes. Ao contrário, em geral trazem mulheres morenas, gordinhas e todas as supostas “imperfeições”, como celulite e estrias, que as estrelas pornôs parecem esconder, disfarçar ou eliminar por completo. As atrizes têm corpos que desafiam o padrão de beleza hegemônico da indústria pornô e também da indústria midiática em geral.

---

<sup>8</sup> Pensamento ou gosto da maioria da população. LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

---

A pornografia é consumida em todo mundo, por esse motivo em muitos lugares estão em verdadeiro combate ao pornô. Em abril de 2016 o estado de Utah está em plena batalha para combater o "problema de saúde pública" que a pornografia representa para esta conservadora região dos Estados Unidos, que é a que mais consome conteúdo adulto no país.

### **Referências**

ABREU, Nuno C. (1996). **O olhar pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo**. Campinas, SP, Mercado das Letras.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Trad. Freda Indursky. Campinas: Pontes - Editora da UNICAMP, 1989.

MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico**. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.